UNIVERSIDADE ABERTA

**E-FÓLIO A**

Nome: António José Estêvão Cabrita
Número: 1002404
Turma: 01

Licenciatura em Ciências de Informação e Documentação

**HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA I**

Docente: Pedro Flor

Novembro 2011

A pintura portuguesa ao longo do século XV caracteriza-se principalmente pela parca existência de obras e de pintores, referenciados na dispersa documentação existente[[1]](#footnote-1), para que se possa determinar um percurso estético e histórico desta arte em Portugal, apesar das excepcionais das obras de Nuno Gonçalves.

Na pintura portuguesa do *Quatrocento*, em madeira, em frescos ou em têmpora, os poucos exemplares conhecidos datam sobretudo da segunda metade do século. Quanto aos autores também, na sua maioria, são desconhecidas quaisquer biografias ou percursos técnicos que possam auxiliar na avaliação da sua história ou do seu progresso. Na falta destes elementos, os dados documentais conhecidos apontam para vários autores que, através dos contratos de execução de obras[[2]](#footnote-2), da inscrição de verbas para pagamento de ordenados[[3]](#footnote-3) e de várias obras, por via de “visitações[[4]](#footnote-4)”, na sua maioria irremediavelmente desaparecidas, não correlacionam o artista com a sua obra ou, fazendo-o, a obra é igualmente desconhecida, considerando-se, portanto, também perdida.

Dada a falta de obras, ou seja, de material de estudo, é difícil e especulativo fazer-se qualquer comparação e, como tal, qualquer estudo que possa aferir uma continuidade, uma evolução e um estilo, até porque os exemplares conhecidos são diacrónicos, no seu tempo, e “muito desiguais de merecimento[[5]](#footnote-5)”, resta-nos pouco mais que o trabalho laboratorial, para efectuar esse estudo, que por seu turno tem reduzido o número obras atribuídas a esse período.[[6]](#footnote-6). Existem referências a artistas e à sua obra criada no estrangeiro, nomeadamente em Itália que, apesar de se tratar de artistas portugueses, do conhecimento que há sobre eles, como são os casos de Álvaro Pires de Évora e João Gonçalves de Portugal a única relação com Portugal é o facto de serem daqui procedentes[[7]](#footnote-7).

Esta fragmentação, quanto ao número e principalmente à baixa qualidade das obras conhecidas[[8]](#footnote-8), apesar do desaparecimento de muitas ao longo dos tempos, quer por via de “alterações de gosto artístico, de orientação litúrgica ou de iconografia imposta[[9]](#footnote-9)” ou de catástrofes, como o grande terramoto de 1755, permite-nos questionar os verdadeiros interesses da clientela e mecenas da época, sobretudo, tendo em consideração a evolução e enriquecimento dos mesmos com o desenrolar da Expansão Ultramarina[[10]](#footnote-10).

No caso da pintura mural, de que subsistem mais exemplares do que na pintura sobre madeira, em igrejas românicas, ou góticas e de antigos tribunais, se pode falar de pinturas quatrocentistas, como é o caso do antigo tribunal de Monsarraz, onde figura o fresco do “Bom Juiz e o Mau Juiz[[11]](#footnote-11)”, onde é “caricaturado” o “Mau Juiz” que olha para os dois lados, com dupla face ao contrário do “Bom Juiz” que mantém a sua solenidade.

Como situação de grande excepção temos os painéis de São Vicente atribuídos, apesar de alguma polémica, a Nuno Gonçalves. Uma forma de representação sem precedentes nem paralelo no espectro da pintura em Portugal, pela sua beleza, grandiosidade, técnica aplicada e métodos inovadores incorporados, que marca um momento da História da pintura mesmo a nível internacional. Não obstante o proeminente destaque que lhe é atribuído, apesar de não se lhe conhecer escola e procedência, ainda que o seja a nível de percurso, pela influência mediterrânica[[12]](#footnote-12) de que se reveste, não deixa de ser um “episódio[[13]](#footnote-13)” isolado na pintura quatrocentista de Portugal.

**Bibliografia**

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferrira de , e Mário Jorge BARROCA. *HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL : O Gótico.* Lisboa: Presença, 2002.

CARVALHO, José Alberto Seabra. *A pintura quatrocentista.* *In* Vol. I, *HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA*, de Paulo Pereira (dir.), Lisboa: Círculo de Leitores, 1995, p. 484-519.

Gótico português. *In* Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-11-14]. Disponível na www: <URL: http://www.infopedia.pt/$gotico-portugues>.

Monsarraz, C.M. de Reguengos de. “Antigos Paços de Audiência e Fresco do Bom e Mau Juiz.” *Município de Reguengos de Monsaraz.* s.d. Disponível em: http://www.cm-reguengos-monsaraz.pt/pt/conteudos/o%20concelho/h2/CZM\_txt\_06\_audiencia.htm (acedido em 14 de Nov de 2011).

PEREIRA, Paulo. *Arte Portuguesa : História essencial.* Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.

P 418 (1988)

NP 3715 (1989)

NP 4285-3 (2000)

**Comentários do Teacher**

|  |  |
| --- | --- |
| Imagem de Pedro Flor | **Pedro Flor**Quinta, 24 Novembro 2011, 00:03 |
|  | **Nota: 2,50 / 4,00**O efólio A revela conhecimentos suficientes da matéria em estudo. A caracterização cultural e artística da época do mural não me pareceu tão bem conseguida. Procure aprofundar a pesquisa de informação numa próxima oportunidade. |

NP 4285-4 (2000)

1. ALMEIDA: 2002, 286 [↑](#footnote-ref-1)
2. Idem, p. 285 [↑](#footnote-ref-2)
3. Idem, p. 283 [↑](#footnote-ref-3)
4. Idem, p. 278 [↑](#footnote-ref-4)
5. Idem, p. 277 [↑](#footnote-ref-5)
6. Idem, p. 276-277 [↑](#footnote-ref-6)
7. Idem, p.279 [↑](#footnote-ref-7)
8. Idem, p.286 [↑](#footnote-ref-8)
9. Idem, p.278 [↑](#footnote-ref-9)
10. Idem, p.276 [↑](#footnote-ref-10)
11. C.M Reguengos Monsarraz [↑](#footnote-ref-11)
12. PEREIRA: 2011, 383 [↑](#footnote-ref-12)
13. PEREIRA: 2011, 390 [↑](#footnote-ref-13)